

Uma Revisão Integrativa sobre a Terapia Afirmativa no Brasil: Atualizações desde 2009

Bianca da Silva dos Santos*

Orcid.org/0009-0001-0206-7968

Jean Von Hohendorff

Orcid.org/0000-0002-7414-5312

*Programa de Pós-graduação em Psicologia, Atitus Educação,
Passo Fundo, RS, Brasil*

Resumo

A Terapia Afirmativa é um conjunto específico de conhecimentos psicológicos que, aliada à abordagem psicoterapêutica, compreende questões complexas relacionadas ao preconceito contra a diversidade sexual e de gênero que as pessoas LGBTQIAP+ enfrentam. Esta Revisão Integrativa reuniu publicações brasileiras em Terapia Afirmativa a partir de 2009 (ano no qual foi lançada a primeira obra brasileira acerca do tema) com o objetivo de caracterizá-las de acordo com as temáticas abordadas. Buscando por “terapia afirmativa”, foram selecionadas 25 publicações das bases de dados BVS, LILACS, Portal de Periódicos CAPES e no Google Acadêmico. As publicações foram classificadas pelos temas abordados, gerando seis categorias distintas: Clínica Afirmativa; Pessoas LGBTQIAP+; Psicopatologias e Suicídio; Questões sobre Repatologização; Literatura e Outras Questões LGBTQIAP+; e Outros Temas. Percebeu-se uma alta nas publicações entre 2020 e 2022. As principais lacunas encontradas em relação ao exercício da Psicologia tradicional foram o currículo dos cursos de Psicologia, ainda cisheterocentros, o preconceito de psicólogos/as/gues e a falta de formação para atender pessoas LGBTQIAP+.

Palavras-chave: Terapia Afirmativa, minorias sexuais e de gênero, Psicoterapia, preconceito sexual, preconceito de gênero.

An Integrative Review on Affirmative Therapy in Brazil: Updates since 2009

Abstract

Affirmative Therapy is a specific set of psychological knowledge, combined with a psychotherapeutic approach, that understands the complex issues related to prejudice against sexual and gender diversity

* Correspondência: Rua Senador Pinheiro, 304, 99070-220, Passo Fundo, RS, Brasil. biancaafirmativa@gmail.com. O estudo foi realizado com apoio da Fundação Meridional, por meio de bolsa produtividade concedida ao segundo autor e com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio de bolsa produtividade em pesquisa.

that LGBTQIAP+ people face. This Integrative Review brings together Brazilian publications on Affirmative Therapy since 2009 (the year in which the first Brazilian work on the subject was published), with the aim of characterizing them according to the topics they covered. Searching for affirmative therapy, 25 publications were selected from the BVS, LILACS, Portal de Periódicos CAPES and Google Scholar databases. The publications were classified according to the topics covered, resulting in six distinct categories: Affirmative Clinic; LGBTQIAP+ People; Psychopathologies and Suicide; Issues on Repathologization; Literature and Other LGBTQIAP+ Issues; and Other Topics. We noticed an increase in publications between 2020 and 2022. The main shortcomings identified in relation to the practice of traditional psychology were the still cis-heterocentric curriculum of psychology courses, the prejudices of psychologists, and the lack of training to work with LGBTQIAP+ people.

Keywords: Affirmative Therapy, sexual and gender minorities, Psychotherapy, sexual prejudice, gender prejudice.

Una Revisión Integrativa de la Terapia Afirmativa en Brasil: Actualizaciones desde 2009

Resumen

La Terapia Afirmativa es un conjunto específico de conocimientos psicológicos que, combinado con un enfoque psicoterapéutico, comprende cuestiones complejas relacionadas con los prejuicios contra la diversidad sexual y de género que enfrentan las personas LGBTQIAP+. Esta Revista Integrativa reunió publicaciones brasileñas sobre Terapia Afirmativa de 2009 en adelante (año en que se lanzó el primer trabajo brasileño sobre el tema) con el objetivo de caracterizarlas según los temas abordados. Buscando “terapia afirmativa”, se seleccionaron 25 publicaciones de las bases de datos BVS, LILACS, Portal de Revistas CAPES y Google Scholar. Las publicaciones fueron clasificadas según los temas tratados, generándose seis categorías distintas: Clínica Afirmativa; Personas LGBTQIAP+; Psicopatologías y Suicidio; Cuestiones sobre Repatologización; Literatura y otras cuestiones LGBTQIAP+; y Otros temas. Se observó un aumento de las publicaciones entre 2020 y 2022. Las principales brechas encontradas con relación a la práctica de la Psicología tradicional fueron el currículum de las carreras de Psicología, aún cisheterocéntrico, los prejuicios de los/las/les psicólogos y la falta de formación para atender a las personas LGBTQIAP+.

Palabras-clave: Terapia Afirmativa, minorías sexuales y de género, Psicoterapia, prejuicio sexual, prejuicio de género.

No Brasil, em 2019, mais de 2,9 milhões de pessoas se autodeclararam LGBTQIAP+, enquanto 4,6 milhões de brasileiros/as/es preferiram não revelar sua orientação sexual e/ou identidade de gênero em pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Ou seja, talvez o número de pessoas LGBTQIAP+ seja maior, porém as orientações sexuais e gêneros que fogem do determinismo do sexo biológico violam as regras morais perpetuadas pela cisheteronormatividade (Butler, 2003; Fry & MacRae, 1991), o que gera estig-

ma e perpetua o preconceito contra diversidade sexual e de gênero. Por exemplo, em 2022, na Copa do Mundo, ainda foi possível identificar a existência de culturas e políticas medievais que ferem os Direitos Humanos. No Qatar, é crime “cometer práticas homossexuais” (isto é, demonstrar pertencimento ou apoio à população LGBTQIAP+), podendo levar à pena de morte (World Report, 2022).

Pesquisar sobre Terapia Afirmativa é relevante por três motivos principais. Primeiro: o Brasil é um dos países que mais mata pessoas

LGBTQIAP+ no mundo (L. M. D. O. Reis, 2021). Portanto, os/as/es psicólogos/as/es têm papel fundamental na saúde e bem-estar dessa população, já que os níveis de preconceito contra a diversidade sexual e de gênero, justificados por discursos pseudocientíficos, interferem de forma negativa na saúde mental dessa população (Gaspodini & Falcke, 2018).

Segundo: as orientações sexuais e identidades de gênero dissidentes são vistos/as/es como tabus sociais, violando as regras morais da cisheteronormatividade, gerando violência contra as pessoas LGBTQIAP+ (Butler, 2003; Fry & MacRae, 1991). Por consequência, essa população tem demonstrado maior risco de suicídio em função do sofrimento, comportamentos autodestrutivos, vulnerabilidade emocional, rejeição e autodepreciação, necessitando de cuidado especializado (E. T. Oliveira & Vedana, 2020).

O terceiro motivo é o de que parte da categoria profissional das pessoas psicólogas, especificamente dentro da clínica psicológica tradicional, constituída em bases cisheterocentristas, ainda compreende as pessoas e casais LGBTQIAP+ como se possuíssem conflitos, configurações e relações iguais às das pessoas e casais cisheterossexuais (A. G. M. D. Silva, 2021). A cultura arraigada de perpetuação do preconceito contra diversidade sexual e de gênero está presente, inclusive, na práxis de pessoas psicólogas (Gaspodini & Falcke, 2018). Ainda é constatado um baixo investimento pessoal e baixa compreensão em temas relacionados à diversidade sexual e de gênero em estudantes concluintes do curso de Psicologia (Assunção & Silva, 2018). Dessa maneira, a Terapia Afirmativa amplia o olhar ao indivíduo, dando compreensões profundas às questões particulares dessas populações (Borges, 2009; M. d. M. Ramos, 2023).

A Terapia Afirmativa originou-se no movimento de Terapias Homossexuais, que se iniciou nos anos 70 em contrapartida à Psicologia da época, que estava se mostrando cada vez mais heterocentrada, pois ignorava a forma como uma pessoa LGBTQIAP+ relaciona-se

com o mundo, além de ser estigmatizante, dada a perspectiva ‘médico-clínica’ que a psicologia vinha demonstrando (esta que patologizava as orientações sexuais dissidentes). No exterior, com ênfase em Estados Unidos e países da Europa, desde os anos 80, a ‘terapia gay afirmativa’ já trazia conhecimentos avançados sobre o tema, como estigma internalizado e suas implicações para a saúde, estresse de minoria e *outness* (processo de revelar-se LGBTQIAP+ a si mesmo) (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2018; M. d. M. Ramos, 2023).

No Brasil, somente em 2009, ocorreu a primeira publicação sobre o tema: “*Terapia afirmativa: Uma introdução à psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais*” de Klecius Borges. O material, que sintetiza vários conhecimentos da Terapia Afirmativa, tornou-se um balizador introdutório sobre o assunto (inclusive nos dias atuais) para tais práxis no âmbito brasileiro. Em contrapartida, o livro, de 2009, direciona-se mais aos gays e lésbicas, deixando dúvidas e lacunas sobre como seria a aplicabilidade para o restante das pessoas da sigla. Dessa forma, no estudo relatado neste artigo, buscou-se abordar possíveis atualizações sobre a Terapia Afirmativa e, como objetivo, caracterizar, de acordo com a temática abordada, as publicações científicas nacionais sobre Terapia Afirmativa a partir de 2009, ano em que foi lançado o primeiro livro brasileiro sobre o tema, por meio de uma Revisão Integrativa.

Método

Objetiva-se, na revisão integrativa, uma síntese de conhecimentos, incorporação e aplicabilidade dos resultados das publicações na prática (M. T. d. Souza et al., 2010). A partir disso, foram consultadas publicações científicas, especificamente artigos científicos, monografias e pôsteres brasileiros, voltadas à Terapia Afirmativa a partir de 2009, ano no qual foi publicado o primeiro livro sobre Terapia Afirmativa no Brasil (Borges, 2009), buscadas nas bases de dados BVS, LILACS, Portal de Periódicos CAPES, e no Google Acadêmico.

A utilização do método da Revisão Integrativa possibilita uma compreensão mais ampla sobre o tema pesquisado, além de confiabilidade nos resultados obtidos (M. T. d. Souza et al., 2010), por meio da divisão em partes da amostra de estudos. A primeira etapa da revisão integrativa consiste na definição da pergunta norteadora, que neste caso foi “Quais são os temas das publicações científicas brasileiras em Terapia Afirmativa (desde 2009)?”. A segunda é caracterizada pela busca ou amostragem na literatura. Na terceira, ocorre a coleta de dados. Na quarta, faz-se a análise crítica dos estudos incluídos, na qual a categorização dos achados é realizada.

A interpretação e síntese dos resultados é feita na quinta etapa. Na sexta, a última, realiza-se a apresentação da revisão integrativa (M. T. d. Souza et al., 2010).

Foram realizadas, por uma pessoa pesquisadora, quatro buscas divididas em duas etapas (preditivas e seletivas), a fim de comparar os resultados obtidos. De acordo com a Tabela 1, a finalidade das buscas preditivas era a checagem de resultados encontrados com relação à utilização do método de busca utilizado (utilizando operadores *booleanos*, filtros ou não). Com relação às buscas seletivas, foi feito o download das publicações encontradas.

Tabela 1

Etapas da Amostragem da Literatura

Buscas Preditivas				
Busca	Mês	Estratégia	Base de dados e/ou Portais Periódicos	Resultados
1ª Busca	03/2023	Busca simples: “Terapia Afirmativa”	BVS; CAPES; Google Acadêmico; LILACS.	61
2ª Busca	03/2023	Busca avançada: “Terapia afirmativa” OR “Gay” OR “LGBT”	BVS; CAPES; Google Acadêmico; LILACS.	387
Buscas Seletivas				
3ª Busca	04/2023	Busca com filtros: “Terapia Afirmativa”	BVS; CAPES; Google Acadêmico; LILACS.	80
4ª Busca	05/2023	Busca com filtros: “Terapia Afirmativa”	BVS.	1

Nota. As diferentes Estratégias de busca adotadas tinham o objetivo de verificar os melhores resultados relacionados à Terapia Afirmativa, tendo em vista que o termo “Terapia Afirmativa” não é um descritor oficial. Nas buscas Seletivas, foram considerados todos os resultados encontrados (da 3ª e 4ª buscas), tendo em vista que o site da BVS, no período da 3ª busca, não estava funcionando.

Após a busca, deu-se início à etapa da aplicação dos critérios de inclusão: (a) artigos científicos, dissertações, teses, monografias, pôsteres publicados, a partir de 2009, que possuíssem o termo de busca ‘Terapia Afirmativa’; (b) de autoria de pesquisadores/as/xs brasileiros/as/es, e em língua portuguesa (Brasil). O ano de 2009 foi escolhido como marco devido

à publicação, no Brasil, do livro “*Terapia Afirmativa: Uma introdução à psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais*” (Borges, 2009). Posteriormente, também se aplicaram os critérios de exclusão, os quais foram: artigos científicos, monografias, teses, dissertações e pôsteres brasileiros, repetidos nas bases de dados.

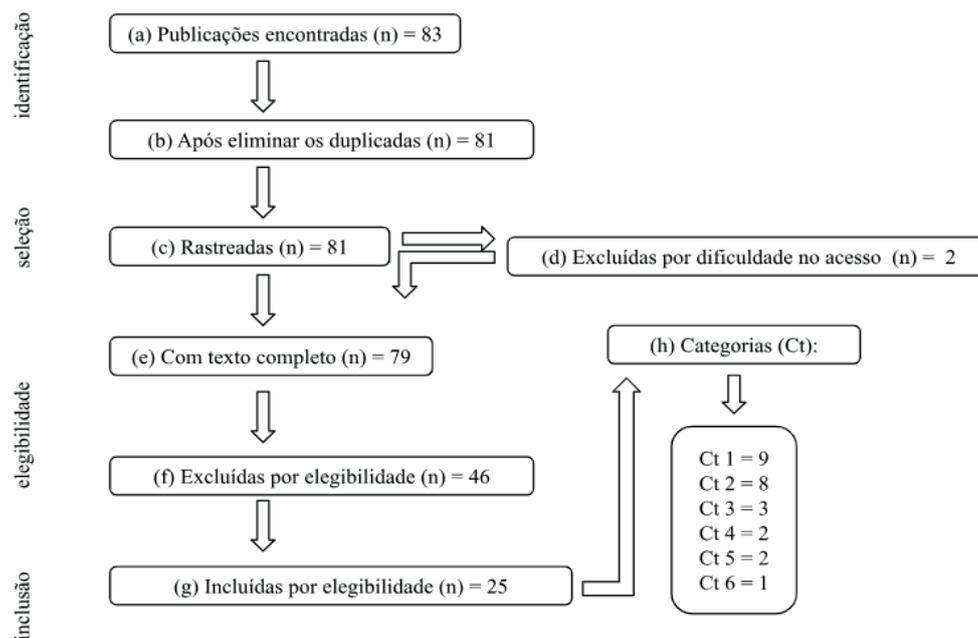
Análise de Dados

Para a coleta de dados, os achados encontrados foram anotados em uma Planilha de Organização de Dados e registrados no fluxograma “Publicações Encontradas na Busca

Seletiva”, como demonstrado na Figura 1. Essa planilha foi baseada no modelo de fluxograma para Revisões Sistemáticas e Meta-análises PRISMA® (Principais Itens para Relatar em Revisões sistemáticas e Meta-análises; Page et al., 2021).

Figura 1
Publicações Encontradas na Busca Seletiva

Publicações Encontradas na busca por “terapia afirmativa”:



Notas. (a) Foram encontradas 83 publicações nas Buscas Seletivas nas Bases de Dados BVS, LILACS, SciELO, no Portal de Periódicos da CAPES e no Google Acadêmico. (b) Foram encontradas duas publicações duplicadas. (c) Rastreadas 81. (d) Dessas, foram excluídas 2 publicações por estarem indisponíveis. (e) Foi verificado que 79 publicações possuíam texto completo. (f) Foram excluídas 46 publicações por critérios de exclusão ou relevância para com o tema da pesquisa, e (g) incluídas por critérios de inclusão, 25 publicações, (h) subdivididas em seis Categorias de acordo com os temas abordados.

As publicações selecionadas foram catalogadas numa tabela inspirada no modelo de Ursi (2006), elaborada pela autora. Posteriormente, as publicações foram classificadas pelos temas

abordados, gerando seis categorias distintas. Essa categorização foi sendo estabelecida à medida que a análise foi realizada, e o seu resultado pode ser visto na Tabela 2.

Tabela 2*Classificação dos Temas das Publicações*

Categoria	Nº publicações	Autor/a/es/as
<p>“Clínica Afirmativa”:</p> <p>Publicações que tratam de temas ligados à Terapia Afirmativa (Terapia de Casal, teorias de base atreladas a Terapia Afirmativa, postura do/a/e Psicólogo/a/ue, análise da Psicologia tradicional e cisheteronormatividade), que contenham o termo ‘Terapia Afirmativa’.</p>	9	Cravo et al., (2022); Engelmann e Kuch (2022); Favero e Kveller (2022); Leite e Catelan (2020); Marques (2006); Mussi (2021); Mussi e Malerbi (2020); M. A. d. Oliveira (2020); Santos e Costa-Júnior (2021)
<p>“Pessoas LGBTQIAP+”:</p> <p>Publicações com foco nas questões de saúde mental e/ou bem-estar de pessoas trans, gays, lésbicas e/ou bissexuais, e tragam o termo ‘Terapia Afirmativa’.</p>	8	A. L. Alves (2022); R. A. K. Alves et al., (2017); Bomtempo e Mendes (2020); Modesto (2013); Monte (2020); Moraes (2021); P. L. M. d. S. Ramos e Silva (2021); D. C. d. Silva (2021)
<p>“Psicopatologias e Suicídio”:</p> <p>Publicações que tratam sobre diagnósticos de transtornos mentais e suicídio em pessoas LGBTQIAP+ e contenham o termo de busca ‘Terapia Afirmativa’.</p>	3	Diehl (2009); Mendanha e Bernardes (2018); Rodrigues (2020)
<p>“Questões sobre Repatologização”:</p> <p>Publicações que destacaram a questão da repatologização da homossexualidade e/ou transexualidade (posturas contra ou a favor) e que contivessem o termo de busca ‘Terapia Afirmativa’.</p>	2	Menezes (2014); M. T. d. Souza et al. (2010)
<p>“Literatura e Outras Questões LGBTQIAP+”:</p> <p>Publicação científica de análise de livro artístico-literário LGBTQIAP+ que contivesse o termo de busca ‘terapia afirmativa’.</p>	1	T. M. d. Silva (2017)
<p>“Outros Temas”:</p> <p>Liberdade Religiosa e Direitos Humanos.</p>	2	Aquino (2019); Limeira (2017)

Resultados

Foram analisadas 25 publicações. Destas, 11 são artigos (R. A. K. Alves et al., 2017; Bomtempo & Mendes, 2020; Cravo et al., 2022; Engelmann & Kuch, 2022; Favero & Kveller, 2022; Leite & Catelan, 2020; Mendanha & Bernardes, 2018; Menezes, 2014; Modesto, 2013; Monte, 2020; Mussi & Malerbi, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021), duas dissertações de mestrado (Limeira, 2017; Marques, 2006), cinco monografias (A. L. Alves, 2022; Aquino, 2019; Diehl, 2009; Moraes, 2021; Rodrigues, 2020; J. O. M. L. d. Souza, 2018), um pôster (Santos & Costa-Júnior, 2021), três teses de doutorado (Moraes, 2021; Mussi, 2021; D. C. d. Silva, 2021) e um trabalho de conclusão de semestre (T. M. d. Silva, 2017).

Nenhuma base de dados obteve tantos resultados encontrados quanto no Google Acadêmico, com 24 publicações reunidas (A. L. Alves, 2022; R. A. K. Alves et al., 2017; Aquino, 2019; Bomtempo & Mendes, 2020; Cravo et al., 2022; Diehl, 2009; Marques, 2006; Engelmann & Kuch, 2022; Favero & Kveller, 2022; Limeira, 2017; Mendanha & Bernardes, 2018; Menezes, 2014; Modesto, 2013; Monte, 2020; Moraes, 2021; Mussi, 2021; Mussi & Malerbi, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021; Rodrigues, 2020; Santos & Costa-Júnior, 2021; D. C. d. Silva, 2021; T. M. d. Silva, 2017; M. T. d. Souza et al., 2010), seguida do Portal de Periódicos da CAPES (Mussi & Malerbi, 2020), LILACS (Leite & Catelan, 2020) e BVS (Leite & Catelan, 2020) com um estudo admitido. Na SciELO, nenhum resultado foi encontrado, consequentemente, nenhum estudo adicionado. Os anos de 2020 a 2022 apresentaram maior frequência em publicações, representando uma alta de 44,4% desde 2009.

Todas as publicações foram analisadas a fim de categorizá-las conforme os seus temas, de modo a responder a pergunta norteadora formulada para esta revisão integrativa, ou seja, “quais são os temas das publicações científicas

brasileiras em Terapia Afirmativa (desde 2009)?” Os temas são, portanto, as categorias.

Os temas abordados nas publicações, que continham o termo “Terapia Afirmativa”, foram os seguintes: “Clínica Afirmativa”, caracterizada por tratar de temas ligados à Terapia Afirmativa, Terapia de Casal, teorias de base atreladas à Terapia Afirmativa, postura do/a/e Psicólogo/a/e, análise da Psicologia tradicional e cisheteronormatividade, “Terapia Afirmativa”, “Pessoas LGBTQIAP+”, com foco nas questões de saúde mental e/ou bem-estar de pessoas LGBTQIAP+. “Psicopatologias e Suicídio”, caracterizada especificamente por tratar de diagnósticos de transtornos mentais e suicídio em pessoas LGBTQIAP+, “Questões sobre Repatologização”, composta por publicações que destacaram a questão da repatologização da homossexualidade e/ou transexualidade, “Literatura e outras questões LGBTQIAP+”, com publicação científica de análise de livro artístico-literário LGBTQIAP+ e “Outros temas”, com publicações sobre liberdade religiosa e Direitos Humanos. Tendo em vista se tratar de uma revisão integrativa, optou-se por não dividir os resultados em categorias, apresentando-os de forma integrada no texto.

A remoção da homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID III), em 1990, foi um fato histórico em Terapia Afirmativa bastante abordado, presente em nove publicações (A. L. Alves, 2022; Cravo et al., 2022; Diehl, 2009; Marques, 2006; Mendanha & Bernardes, 2018; Rodrigues, 2020; D. C. d. Silva, 2021; T. M. d. Silva, 2017; M. T. d. Souza et al., 2010), bem como o posicionamento a favor da Resolução 001/99 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 1999; A. L. Alves, 2022; Cravo et al., 2022; Diehl, 2009; Marques, 2006; Menezes 2014; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021; Rodrigues, 2020; T. M. d. Silva, 2017; M. T. d. Souza et al., 2010). A remoção da homossexualidade do Manual Diagnóstico de Doenças Mentais (DSM III), em 1980, esteve presente em sete publicações (A. L. Alves, 2022; Diehl, 2009; Engelmann & Kuch, 2022; Leite &

Catelan, 2020; Marques, 2006; Rodrigues, 2020; M. T. d. Souza et al., 2010). Os eventos ligados à revolta de Stonewall foram citados em quatro publicações (Diehl, 2009; Leite & Catelan, 2020; T. M. d. Silva, 2017; M. T. d. Souza et al., 2010), e as considerações relacionadas à reafirmação e/ou crítica contra as terapias de reversão sexual foram mencionadas em três publicações (Cravo et al., 2022; Mendanha & Bernardes, 2018; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021).

Em oito publicações, as definições sobre Terapia Afirmativa foram caracterizadas como detalhadas (A. L. Alves, 2022; Aquino, 2019; Favero & Kveller, 2022; Monte, 2020; Mussi, 2021; Mussi & Malerbi, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021), apresentando um maior aprofundamento sobre o tema, como no exemplo da publicação de Favero e Kveller (2022), na qual Terapia Afirmativa foi apresentada como “um trabalho de acolhimento e fortalecimento da autoestima, que reconstrói a gênese do sofrimento, co-responsabilizando as forças homofóbicas pelos diferentes graus de danos causados pela heteronormatividade” (p. 1508).

Não foi identificada uma explicação básica sobre Terapia Afirmativa em 10 estudos que a citaram ao menos uma vez (R. A. K. Alves et al., 2017; Diehl, 2009; Limeira, 2017; Marques, 2006; Menezes, 2014; Modesto, 2013; Moraes, 2021; Rodrigues, 2020; D. C. d. Silva, 2021; M. T. d. Souza et al., 2010). O livro “*Terapia afirmativa: Uma introdução à psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais*” (Borges, 2009) foi citado na descrição sobre Terapia Afirmativa em seis achados (A. L. Alves, 2022; Mendanha & Bernardes, 2018; Monte, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021; T. M. d. Silva, 2017), sendo a referência mais mencionada no tema.

Segundo sete publicações, há indicação de Terapia Afirmativa quando a pessoa busca afirmação da sua identidade sexual, validação e/ou auto aceitação, e/ou como acolhimento de suas experiências de preconceito contra diversidade sexual e de gênero (Aquino, 2019;

Leite & Catelan, 2020; Limeira, 2017; Monte, 2020; Mussi & Malerbi, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020; Rodrigues, 2020); em duas, a Terapia Afirmativa foi indicada para o desenvolvimento de habilidades sociais em ambientes estressores nos quais há reprodução de preconceito estrutural/institucionalizado (Bomtempo & Mendes, 2020; Leite & Catelan, 2020); e duas no tratamento do preconceito internalizado (A. L. Alves, 2022; Mussi & Malerbi, 2020). Em três publicações, foi indicada no manejo das dificuldades do *coming out* (“saída do armário”) com a família de origem, ou relacionamentos nos quais as questões LGBTQIAP+ ainda podem ser um tabu (A. L. Alves, 2022; M. A. d. Oliveira, 2020; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021); em uma, para pessoas que estão passando pelo processo transexualizador (Monte, 2020); e em quatro, no tratamento de casos de discriminação e violência, nos quais a pessoa agressora pode ou não se identificar como pertencente da sigla LGBTQIAP+, podendo revelar fenômenos de estigma internalizado por meio dos atos de violência (A. L. Alves, 2022; Bomtempo & Mendes, 2020; Favero & Kveller, 2022; Mussi, 2021). Em duas publicações, a Terapia Afirmativa é referida como a ferramenta mais indicada para tratar pessoas LGBTQIAP+ (Mussi, 2021; Santos & Costa-Júnior, 2021).

A Terapia Afirmativa também foi aconselhada, em quatro publicações, quando há presença de sofrimento psíquico e/ou isolamento social (A. L. Alves, 2022; Mendanha & Bernardes, 2018; Monte, 2020; Mussi & Malerbi, 2020); em outras quatro publicações, quando há presença de automutilação e ideação suicida (A. L. Alves, 2022; Mussi & Malerbi, 2020; Rodrigues, 2020). Além disso, também foi recomendada em casos de dependência química (A. L. Alves, 2022) e para casais LGBTQIAP+ (M. A. d. Oliveira, 2020).

Foi demonstrado, em 12 publicações, como diferencial da Terapia Afirmativa, o papel da pessoa Psicóloga Afirmativa, que é o de respeitar, reconhecer, validar e empoderar as experiências dos seus clientes/pacientes LGBTQIAP+ (i.e.;

além de afirmar a identidade dessas pessoas, adotando uma postura encorajadora, tendo como premissa a equidade na valorização entre as orientações e expressões sexuais, gêneros e expressões de gênero (A. L. Alves, 2022; Bomtempo & Mendes, 2020; Engelmann & Kuch, 2022; Leite & Catelan, 2020; Mendanha & Bernardes, 2018; Monte, 2020; Mussi, 2021; Mussi & Malerbi, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021; Rodrigues, 2020; D. C. d. Silva, 2021). Apenas em um estudo foi explorada de maneira mais específica a importância sobre o tratamento da pessoa de acordo com o gênero com o qual ela se identifica, a revelação da orientação sexual e identidade de gênero da pessoa psicóloga quando questionada pelo/a/e cliente/paciente, e a elaboração de perguntas que oportunizem a identificação da forma como a pessoa se relaciona, como diferenciais da Terapia Afirmativa (Mussi, 2021).

Segundo sete publicações, a principal lacuna da psicologia é o cisheterocentrismo, fundado no essencialismo biológico, o qual gerou e segue gerando perseguição, patologização e exclusão das pessoas com orientações sexuais e gêneros dissidentes (Aquino, 2019; Rodrigues, 2020; Cravo et al., 2022; Favero & Kveller, 2022; Marques, 2006; Moraes, 2021; Mussi & Malerbi, 2020; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021; Santos & Costa-Júnior, 2021). As poucas pesquisas e o pouco interesse em estudar os temas sobre diversidade sexual e de gênero foram citados como indicadores do heterossexismo (Aquino, 2019; Cravo et al., 2022; Leite & Catelan, 2020; Mendanha & Bernardes, 2018; Modesto, 2013; Mussi & Malerbi, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020). Nas pesquisas, o mesmo padrão cisgênero, branco e classe média resulta em uma generalização restrita, comprometendo os resultados (M. A. d. Oliveira, 2020). Segundo três publicações, há uma falta de embasamento nas teorias psicológicas tradicionais para lidar com o público LGBTQIAP+ (R. A. K. Alves et al., 2017; Cravo et al., 2022; Monte, 2020). Também foi recomendado, em duas publicações, que os/as/es profissionais invistam fortemente

em sua formação técnica e pessoal (Mussi, 2021; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021).

Houve a menção, em sete estudos, da importância da interferência de crenças preconceituosas dos/as/es profissionais no trabalho psicoterapêutico e da tentativa de repatologização da homossexualidade e transexualidade por meio de “terapias de conversão”, estas ocorrendo com o apoio de grupos religiosos/políticos (A. L. Alves, 2022; Limeira, 2017; Mendanha & Bernardes, 2018; Mussi, 2021; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021; Rodrigues, 2020; M. T. d. Souza et al., 2010). Em apenas um estudo, publicado em uma revista jurídica, foi possível encontrar um argumento em defesa da repatologização da homossexualidade ‘egodistônica’, trazendo que alguns profissionais entendem que, “caso seja demandada a mudança [da orientação sexual] pelo cliente, por qualquer motivo que seja, a vontade do paciente deve ser respeitada e o profissional deve ajudá-lo nesse sentido” (Menezes, 2014, p. 92).

Foi possível encontrar, em cinco publicações, a problemática do currículo dos cursos de psicologia, no que se refere à abrangência das questões LGBTQIAP+ (A. L. Alves, 2022; Aquino, 2019; Moraes, 2021; Mussi, 2021; D. C. d. Silva, 2021). Em um único estudo (Moraes, 2021), foi frisado o desconhecimento sobre transexualidade em ambiente acadêmico, e em outro (Santos & Costa-Júnior, 2021), foi constatado o número reduzido de profissionais com formação em Terapia Afirmativa. Em três publicações, não foram identificadas críticas à Psicologia, caracterizando-se por não apresentar posicionamento nem contra, nem a favor à Psicologia tradicional (Bomtempo & Mendes, 2020; Engelmann & Kuch, 2022; T. M. d. Silva, 2017).

Discussão

A Terapia Afirmativa, atrelada à abordagem de base, possibilita práticas direcionadas ao acolhimento e afirmação das pessoas LGBTQIAP+, visa encorajar e valorizar essas pessoas, lidando com questões de preconceito,

a fim de que tenham bons relacionamentos e atinjam seus objetivos pessoais e profissionais (A. L. Alves, 2022; Bomtempo & Mendes, 2020; Borges, 2009; Engelmann & Kuch, 2022; Leite & Catelan, 2020; Mendanha & Bernardes, 2018; Monte, 2020; Mussi, 2021; Mussi & Malerbi, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020; M. d. M. Ramos, 2023; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021; Rodrigues, 2020; D. C. d. Silva, 2021). Para isso, é necessário possuir conhecimento prévio do que significa “terapia afirmativa”, tendo em vista que em 40% das publicações revisadas não foram apresentadas conceituações sobre o tema (R. A. K. Alves et al., 2017; Diehl, 2009; Limeira, 2017; Marques, 2006; Menezes, 2014; Modesto, 2013; Moraes, 2021; Rodrigues, 2020; D. C. d. Silva, 2021; M. T. d. Souza et al., 2010).

Conhecer a importância no direcionamento psicoterapêutico que a Terapia Afirmativa proporciona mostrou-se imprescindível, tanto para a pessoa cliente/paciente LGBTQIAP+ que procura ou está em tratamento psicológico quanto para a pessoa psicóloga, visto que em abordagens da psicologia tradicional não há uma orientação tão completa e exclusiva para as questões complexas e peculiares das pessoas LGBTQIAP+ (A. G. M. D. Silva, 2021). Vale ressaltar que a proposta da Terapia Afirmativa é transteórica, ou seja, a atuação em consonância com outra abordagem psicoterapêutica prioriza o uso do conhecimento psicológico à serviço das pessoas LGBTQIAP+ (M. d. M. Ramos, 2023).

Historicamente, a Revolta de Stonewall, a despatologização pela *American Psychiatric Association* (APA) seguida da Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Resolução 001/99 do CFP foram os fatos mais citados da amostra quando se refere à criação da Terapia Afirmativa. No Brasil, atualmente, a contribuição do autor Klecius Borges também se evidenciou; suas obras foram as mais citadas de toda a amostra, com uma prevalência de 24% (A. L. Alves, 2022; Mendanha & Bernardes, 2018; Monte, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021; T. M. d. Silva, 2017). Esse fato pode estar atrelado a quatro motivos importantes: (a) Este estudo visa compreender

o cenário brasileiro das pesquisas em Terapia Afirmativa, desde 2009, ano no qual sua primeira obra foi lançada; (b) Klecius Borges foi o primeiro autor a publicar um livro sobre Terapia Afirmativa no Brasil (2009); (c) A falta de domínio na língua inglesa por acadêmicos/as/ques brasileiros/as/es do curso de psicologia é uma realidade impeditiva, pois dificulta o acesso às publicações basais dentro do tema (P. R. d. Souza et al., 2011); (d) Os estudos em Terapia Afirmativa ainda são incipientes, não havendo muitos/as/es autores/as/xs ainda na área.

Nos anos entre 2020 a 2022, houve um aumento de 44,4% nas publicações em Terapia Afirmativa no Brasil, desde 2009. Tal fato pode ter ocorrido em função da tentativa de reparação e cuidado para com as pessoas LGBTQIAP+ que, por diversas vezes, foram prejudicadas pelo governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2018-2022), sendo alvo do impacto e reverberação da intolerância contra a diversidade sexual e de gênero do político e seus/uas/xs seguidores. Sendo assim, as pesquisas brasileiras em Terapia Afirmativa, por maior que tenha sido o salto de crescimento neste período, ainda carecem de interesse, incentivo e fomentos, tendo em vista a grande demanda do público LGBTQIAP+ na clínica psicológica. Além de tudo, há problemas com as pesquisas que já vêm sendo realizadas, pois as pessoas participantes ainda são frequentemente cisgênero, brancas e de classe média-superior (M. A. d. Oliveira, 2020).

Quanto às pesquisas, ainda que tenha havido aumento considerável, no âmbito da Terapia Afirmativa nos últimos anos, há uma necessidade de estudos mais abrangentes e não generalistas sobre todas as pessoas LGBTQIAP+ separadamente. Essas orientações sexuais e identidades de gênero são diferentes entre si, sendo necessárias pesquisas nas quais se busque compreensão específica, diferenciando as distintas experiências e vivências, levando em consideração marcadores sociais da diferença e populações minorizadas (Rudder, 2014). E além de intersecções cisheteronormativas, acrescen-

tam-se outras (as geradoras de estresse de minoria), pertencentes às pessoas LGBTQIAP+, que excluem principalmente as pessoas trans das amostras (Aquino, 2019; Cravo et al., 2022; Leite & Catelan, 2020; Mendanha & Bernardes, 2018; Modesto, 2013; Mussi & Malerbi, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020).

De acordo com a *American Psychological Association* (APA, 2015), a falta de acompanhamento psicológico para pessoas trans é considerada alarmante. Outro público que também requer atenção diante da lacuna de preparo técnico são as pessoas intersexuais, devido aos “impactos psicológicos da esterilização coercitiva e involuntária que sofrem (muitas vezes antes dos 24 meses de vida) e tratamentos hormonais com finalidade de adequação da aparência física e funcionalidade do órgão genital” (T. Reis, 2018, p. 18). Nesse sentido, faz-se extremamente necessária a preparação técnica profissional nesses temas específicos, para a promoção de uma saúde menos cisheterocentrada (Aquino, 2019; Cravo et al., 2022; Leite & Catelan, 2020; Mendanha & Bernardes, 2018; Modesto, 2013; Mussi & Malerbi, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020). Isso porque ainda parece persistir a confusão com os conceitos de gênero, sexualidade e orientação sexual, tanto por estudantes quanto por professores/as no meio acadêmico. Sem contar, o constrangimento e situações de preconceito/discriminação vividas por acadêmicos/as/ques trans, que enfrentam diariamente as barreiras da discriminação.

É pela falta de interesse e aprofundamento nos temas de diversidade sexual e de gênero que a estigmatização advinda dos preconceitos sociais e do olhar biologicista se instalam na práxis dos/as/es futuros/as/es profissionais pesquisadores/as/xs (Moraes, 2021). As questões cisheterocêntricas presentes na cultura acadêmica atual evidenciam a obsolescência dos currículos de psicologia brasileiros, que frequentemente têm negligenciado questões básicas relacionadas às pessoas LGBTQIAP+ (Aquino, 2019; Cravo et al., 2022; Leite & Catelan, 2020; Mendanha & Bernardes, 2018; Modesto, 2013; Mussi & Malerbi, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020). Para

cobrir essa falta, o/a/e estudante ou profissional deve estar disposto/a/e a investir em formação; atualizando-se regularmente com cursos, palestras, workshops, vivenciando experiências informais, participando de Paradas do Orgulho LGBTQIAP+, entre outros (Mussi, 2021; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021).

A desconstrução de preconceitos mostrou-se fundamental na prática clínica com pessoas LGBTQIAP+. A interferência das crenças religiosas e/ou políticas dos/as/es profissionais psicoterapeutas no trabalho com pessoas LGBTQIAP+ é um fator prejudicial aos resultados psicoterapêuticos, tendo em vista a violação do Código de Ética do/a/e Profissional Psicólogo/a/ue e a ofensa contra os direitos e/ou vida do/a/e cliente/paciente (CFP, 2012). Atualmente, ainda há tentativas de justificar “terapias de reversão” por meio de teorias psicológicas, como foi o caso de um dos estudos da amostra (Menezes, 2014), no qual se argumentou pela a defesa do tratamento de uma “terapia reparativa” à pessoa que quiser ser tratada para reversão de sua homossexualidade quando esta se sentir “desconfortável” com sua “condição”. Em 2019, sob a liderança da Psicóloga cassada Rozangela Justino, o Movimento Psicólogos em Ação (MPA) lançou a chapa 24 para Presidência do Conselho Regional de Psicologia (CRP). Declaradamente a favor da “cura gay”, a chapa conseguiu 293 votos de profissionais Psicólogos/as/gues que receberam formação acadêmica (CFP, 2005; Conselho Regional de Psicologia, s.d.).

Qualquer tipo de “cura gay” é totalmente vedada pela Resolução 001/99 do CFP, na qual são proibidas práticas que envolvam terapias e técnicas de reversão de orientação sexual (e de gênero), já que a diversidade sexual e de gênero é legítima, natural e espontânea, e por isso deve ser respeitada (Borges, 2009). Os resultados do relatório *Task-Force* da APA, de 2009 indicaram, de maneira contundente, a ineficácia das “terapias reversivas”, assim como seus perigos à saúde física e mental do/a/e paciente/cliente e os inúmeros efeitos adversos dessas práticas (Cravo et al., 2022).

Frente a todas essas situações complexas, faz-se necessário um/a/e profissional que tenha respeito, que valide e que empodere as experiências dos seus clientes/pacientes LGBTQIAP+, ou seja, que afirme a identidade dessas pessoas, (A. L. Alves, 2022; Bomtempo & Mendes, 2020; Engelmann & Kuch, 2022; Leite & Catelan, 2020; Mendanha & Bernardes, 2018; Monte, 2020; Mussi, 2021; Mussi & Malerbi, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021; Rodrigues, 2020; D. C. d. Silva, 2021). Porém, ainda é baixo o número de profissionais que atuam em Terapia Afirmativa (Santos & Costa-Júnior, 2021). O currículo heterocentrado dos cursos de psicologia (Aquino, 2019; Cravo et al., 2022; Leite & Catelan, 2020; Mendanha & Bernardes, 2018; Modesto, 2013; Mussi & Malerbi, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020) e a falta de interesse em mudar o cenário das pesquisas para temas mais diversos em gênero e sexualidade (Aquino, 2019; Cravo et al., 2022; Leite & Catelan, 2020; Mendanha & Bernardes, 2018; Modesto, 2013; Mussi & Malerbi, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020), famílias LGBTQIAP+ (Sánchez, 2009) podem ser fatores a serem considerados diante do cenário atual e denotam ainda mais a importância de direcionar a atenção às pessoas LGBTQIAP+.

Mais de 88% das publicações da amostra deste estudo foram obtidas pelo Google Acadêmico (A. L. Alves, 2022; R. A. K. Alves et al., 2017; Aquino, 2019; Bomtempo & Mendes, 2020; Cravo et al., 2022; Diehl, 2009; Marques, 2006; Engelmann & Kuch, 2022; Favero & Kveller, 2022; Limeira, 2017; Mendanha & Bernardes, 2018; Menezes, 2014; Modesto, 2013; Moraes, 2021; Mussi, 2021; Mussi & Malerbi, 2020; M. A. d. Oliveira, 2020; P. L. M. d. S. Ramos & Silva, 2021; Rodrigues, 2020). Esse resultado pode estar relacionado ao formato e desenvolvimento do algoritmo de busca da plataforma, que reúne resultados presentes de diferentes locais da internet. A partir das referências das pesquisas já cadastradas, gera seu banco de dados, diferentemente dos sistemas dos portais e bases de dados utilizados nessa pesquisa (F. A. S. d. Souza, 2009).

Conclusão

O objetivo desta revisão integrativa foi o de caracterizar publicações nacionais acerca da Terapia Afirmativa de acordo com a temática abordada. Para tal, foram analisadas 25 publicações, as quais foram agrupadas em categorias de acordo com os temas abordados, permitindo, assim, responder à pergunta norteadora “Quais são os temas das publicações científicas brasileiras em Terapia Afirmativa (desde 2009)?” As cinco categorias apresentadas respondem ao questionamento da pesquisa e, tomadas em conjunto, evidenciam a importância de conhecer a Terapia Afirmativa e suas interseccionalidades. A maioria das publicações, que abordaram diferentes aspectos da clínica (e.g., casal, postura profissional), teve como foco específico a terapia afirmativa. As questões de saúde e adoecimento mental, bem como diagnósticos de transtornos mentais e suicídio também foram frequentes, o que é esperado, tendo em vista que devido ao preconceito e discriminação, a população LGBTQIAP+ está mais suscetível ao adoecimento. Diante desse cenário, a Terapia Afirmativa ganha ainda mais importância por ser uma importante ferramenta de intervenção. Infelizmente, ainda são encontradas publicações sobre repatologização das manifestações de diversidade sexual e de gênero, o que reforça a necessidade de investimentos em formação. É imprescindível que a Terapia Afirmativa seja inclusa nos currículos de Psicologia a fim de fomentar o interesse e a atualização contínua sobre temas relacionados à diversidade sexual e de gênero. Isso é essencial para promover a modificação de comportamentos cisheteronormativos no ambiente clínico, considerando a complexidade e particularidades de cada identidade LGBTQIAP+.

Este estudo parece ser o primeiro que buscou integrar publicações nacionais sobre a Terapia Afirmativa. Assim, seus resultados indicam tendências de estudo, lacunas e possibilidades de estudos futuros. Além disso, indica nitidamente a necessidade da formação

de profissionais para o trabalho afirmativo com pessoas LGBTQIA+ e o incremento de pesquisas, sobretudo, empíricas, acerca da aplicação da Terapia Afirmitiva no Brasil.

Os resultados aqui apresentados, no entanto, devem ser utilizados considerando-se algumas limitações do estudo. Como toda revisão integrativa, foram escolhidas bases de dados específicas, o que acaba restringindo a abrangência da revisão. Além disso, a busca nas bases de dados, realizada por uma pessoa, costuma ser indicada como limitação. Diante disso, foram realizadas quatro buscas em duas etapas visando maior robustez metodológico. Assim, em estudos futuros tais limitações podem ser manejadas.

Por mais que tenham sido feitos avanços acerca dos Direitos LGBTQIAP+, ainda há muito a ser feito na Psicologia e por meio da Psicologia. É comum o cisheterocentrismo na práxis de profissionais psicólogos/as/gues e cursos de Psicologia. Esse cisheterocentrismo perpassa várias esferas do cotidiano profissional, sendo uma delas quase imperceptível. A linguagem hegemônica ainda perpetua padrões cisheteronormativos e machistas ao utilizar, por exemplo, o gênero masculino para se referir às pessoas, além do hábito de questionar sobre relacionamentos a partir de uma perspectiva heterossexual – por exemplo, perguntar a uma pessoa identificada com o gênero feminino se ela tem namorado ou marido, sem considerar outra possibilidade de relacionamento. Assim, é necessário romper com o essencialismo biológico presente no meio acadêmico, conhecer conceitos básicos sobre o universo LGBTQIAP+, e haver mais interesse em temas de pesquisas de diversidade sexual e de gênero no geral. Neste artigo optamos por utilizar linguagem inclusiva com o intuito de acolher todas as pessoas. A utilização deste recurso pode ser uma forma de deixar a linguagem científica também mais acolhedora para pessoas que não se identificam com pronomes generalizantes masculinos ou femininos.

A clínica Psicológica, ainda é, também, muito deficitária nos conhecimentos acerca das questões LGBTQIAP+ mais básicas. Porém, avanços estão sendo realizados, principalmente

no âmbito do Sistema Conselhos de Psicologia, os quais devem ser incorporados às práticas profissionais.

Desde a Resolução 0001/1999 do CFP (1999), outras duas importantes normativas éticas direcionadas ao trabalho para com pessoas LGBTQIAP+ foram estabelecidas: A Resolução 001/2018 do CFP (2018), referente às normas de atuação para profissionais da Psicologia em relação às pessoas transsexuais e travestis, e a Resolução 008/2022 (CFP, 2022), que estabelece normas de atuação para profissionais da Psicologia em relação às bissexualidades e demais orientações não monossexuais. A importância desses documentos é indiscutível, já que denotam o posicionamento ético da Psicologia Brasileira em relação aos temas LGBTQIAP+, conscientizam e educam os/as Profissionais em Psicologia e ratificam a importância da Psicologia como ferramenta de transformação social, consequentemente, promovendo mudanças significativas na vida das pessoas e famílias LGBTQIAP+.

Contribuição dos autores

Bianca da Silva dos Santos: Concepção, coleta e análise de dados, redação do artigo;

Jean Von Hohendorff: Concepção, revisão geral do material.

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesses relacionado à publicação deste manuscrito.

Referências

- Alves, A. L. (2022). *Potencialidades dos processos psicoterapêuticos na desconstrução da bifobia, da lesbofobia e do sexismo* [Monografia, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília]. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/16111/1/21751454.pdf>
- Alves, R. A. K., Pavelchuk, F. O., Cavalheiro M. R., & Falcone E. M. O. (2017). Alterando crenças centrais: Um relato de caso de homofobia

- internalizada. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 13(1). <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20170004>
- American Psychological Association. (2015). Guidelines for psychological practice with transgender and gender nonconforming people. *The American Psychologist*, 70(9), 832–864. <https://doi.org/10.1037/a0039906>
- Aquino, M. L. B. (2019). *Terapia Afirmativa LGBT, Direitos Humanos e Interseccionalidade: A importância de um olhar integrado* [Monografia, Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos, Universidade Federal da Integração Latino-Americana]. <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/4975/TERAPIA%20AFIRMATIVA%20LGBT%2b%2c%20DIREITOS%20HUMANOS%20E%20INTERSECCIONALIDADE%2c%20LUISA.pdf?sequence=3&isAllowed=y>
- Assunção, M. M. S. de, & Silva, L. R. da. (2018). Formação em Psicologia e diversidade sexual: Atravessamentos e reflexões sobre identidade de gênero e orientação sexual. *Pretextos. Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 3(5), 392-410. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15939>
- Bomtempo, J., & Mendes, J. A. A. (2020). Risco, proteção e empoderamento na adolescência transexual: Reflexões a partir de um estudo de caso. In A. O. Lima, T. A. Andrade, & U. C. Cunha, *Juventudes: Pesquisas e campos de atuação* (pp. 37-52). Editora CRV.
- Borges, K. (2009). *Terapia afirmativa: Uma introdução à psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais*. Edições GLS.
- Butler, J. (2003). Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In *Problemas de Gênero* (R. Aguiar, Trad.). Editora Civilização Brasileira.
- Conselho Federal de Psicologia. (1999). *Resolução CFP N° 001/99 de 22 de março de 1999*.
- Conselho Federal de Psicologia. (2005). *Resolução CFP n° 10/2005 do Código de Ética Profissional*.
- Conselho Federal de Psicologia. (2012). *Nota Pública do CFP de esclarecimento à sociedade e às(o) psicólogas(o) sobre Psicologia e religiosidade no exercício profissional*. [https://site.cfp.org.br/nota-pblica-do-cfp-de-esclarecimento-sociedade-e-so-psicologas-o-sobre-psicologia-e-religiosidade-no-exercicio-profissional/#:~:text=Art.&text=Se%20as\(o\)%20psicólogas,\(de%20consciência%20e%20de%20crença](https://site.cfp.org.br/nota-pblica-do-cfp-de-esclarecimento-sociedade-e-so-psicologas-o-sobre-psicologia-e-religiosidade-no-exercicio-profissional/#:~:text=Art.&text=Se%20as(o)%20psicólogas,(de%20consciência%20e%20de%20crença)
- Conselho Federal de Psicologia. (2018). *Resolução CFP n° 001/2018 do Código de Ética Profissional*.
- Conselho Federal de Psicologia. (2022). *Resolução CFP n° 008/2022 do Código de Ética Profissional*.
- Conselho Regional de Psicologia. (s.d.). *Mapa de Apuração da 01ª Região - Transparência do CFP*. <https://transparencia.cfp.org.br/eleicao/mapa-de-apuracao-conselho-regional-de-psicologia-01a-regiao/>
- Cravo, F. A. M., Almeida-Verdu, A. C. M., & Costa-Junior, F. M. (2022). Revisão de literatura da produção analítico-comportamental nacional sobre gênero e sexualidade. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(2), 247–265. <https://doi.org/10.18761/a52affa6>
- Diehl, A. (2009). *Abuso e dependência de substâncias psicoativas em homossexuais e bissexuais: Revisão da literatura* [Monografia, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo]. <https://www.uniad.org.br/wp-content/uploads/2009/05/MONOGRAFIAPROSEFINALALESSANDRADIEHL-FORMATADA.pdf>
- Engelmann, A. M. S., & Kuch, I. E. (2022). Práticas culturais heteronormativas e suas repercussões na clínica analítico-comportamental: Um relato de caso. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 157–169. <https://doi.org/10.18761/dh007.jul21>
- Favero, S., & Kveller, D. B. (2022). Dossiê Psicologia, Política e Sexualidades: Crises, Antagonismos e Agências Adjetivar a Psicologia? [Seção especial]. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 22(4). <https://doi.10.12957/epp.2022.71758>
- Fry, P., & MacRae, E. (1991). *O que é homossexualidade* (7a ed.). Brasiliense. <https://doi.org/10.3233/wor-1991-2102>
- Gaspodini, I. B., & Falcke, D. (2018). Diversidade sexual e de gênero na prática clínica em Psicologia. In R. Gorayeb, M. C. Miyazaki, & M. Teodoro (Orgs.), *PROPSICO Programa de Atualização em Psicologia Clínica e da Saúde. Ciclo 2: Vol. 4. Sistema de Educação Continuada a Distância* (pp. 83-110). Artmed Panamericana.

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Em pesquisa inédita do IBGE, 2,9 milhões de adultos se declararam homossexuais ou bissexuais em 2019*. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785-em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019#:~:text=Cerca%20de%202,9%20milhões,6%20milhões%20não%20quiseram%20responder>
- Leite, M., & Catelan, R. F. (2020). Terapia familiar afirmativa com lésbicas, gays e bissexuais. *Pensando Famílias*, 24(1), 239–254.
- Limeira, M. d. A. (2017). *Liberdade de consciência religiosa e direito à não discriminação LGBT: Uma análise de direitos em conflito* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34717/34717.PDF>
- Marques, D. M. (2006). *A(s) clínica(s) psicológica(s) e a diversidade sexual: Percorrendo trajetórias de vida* [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/24652>
- Mendanha, A. C. T., & Bernardes, L. A. (2018). Transtorno de Ansiedade Social e a não aceitação da homossexualidade. *Revista Pretextos*, 3(6), 132-152. <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/18410>
- Menezes, E. V. d. A. (2014). Prisioneiros da esperança: A limitação da autonomia da vontade no atendimento psicológico de homossexuais egodistônicos no Brasil. *Revista Jurídica da Seção Judiciária de Pernambuco*, 91(7). <https://revista.jfpe.jus.br/index.php/RJSJPE/article/view/110>
- Modesto, E. (2013). Transgeneridade: Um complexo desafio. *Via Atlântica*, 14(2), 49–65. <https://doi.org/10.11606/va.v0i24.57215>
- Monte, F. (2020). *Transexualidade, tendência atualizante e terapia afirmativa: O clássico e o contemporâneo nas questões de identidade de gênero e sexualidade no processo terapêutico* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba]. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18049/1/Frederico%20Monte%20TCC.pdf>
- Moraes, A. N. D. d. (2021). *A psicologia e a transgeneridade: Saberes e distanciamentos* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/44587/1/psicologiatransgeneridadedesaberes_Moraes_2021.pdf
- Mussi, S. V. (2021). *Estudos sobre sexualidade e gênero, e a avaliação do curso “Considerações a respeito da psicoterapia dirigida a pessoas LGBTQIAP+”* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/30989/1/Samir%20Vidal%20Mussi.pdf>
- Mussi, S. V., & Malerbi, F. E. K. (2020). Revisão de estudos que empregaram intervenções afirmativas para LGBTQI+ sob uma perspectiva analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 22(1). <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v22i1.1438>
- Nascimento, G. C. M., & Scorsolini-Comin, F. (2018). A revelação da homossexualidade na família: Revisão integrativa da literatura científica. *Temas em Psicologia*, 26(3), 1527-1541. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2018.3-14Pt>
- Oliveira, E. T., & Vedana, K. G. G. (2020). Suicide, depression and sexual and gender minorities: Posts published on personal blogs. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas* 16(4), 32-38. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.168145>
- Oliveira, M. A. d. (2020). Terapia com casais do mesmo sexo: Um estudo de revisão bibliográfica. In O. Rodrigues Jr., G. Levatt, C. Zeglio, & V. Vaccari (Orgs.), *Estudos em Sexualidade* (2a ed., pp. 274–288). InPaSex.
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., ... Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, 71(1). <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- Ramos, M. d. M. (Org.). (2023). *Manual de Terapia Afirmativa: Um guia para a psicoterapia com pessoas LGBTQ+*. Afirmativa.
- Ramos, P. L. M. d. S., & Silva, A. C. H. (2021). Atendimento psicológico com lésbicas e

- bissexuais: Um relato de experiência. *Revista Sociedade e Ambiente*, 2(1), 19-33. <https://revistasociedadeambiente.com/index.php/dt/article/view/36>
- Reis, L. M. D. O. (2021). *Mortes violentas de LGBT+ no Brasil*. <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/03/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>
- Reis, T., (2018) Manual de Comunicação LGBTI+. In T. Reis (Org.), *Manual de Comunicação LGBTI+*. GayLatino.
- Rodrigues, G. F. (2020). *Suicídio, gênero e sexualidades: Uma leitura gestáltica sobre o suicídio da população LGBTI+* [Monografia, Universidade Federal de Minas Gerais]. <http://hdl.handle.net/1843/45403>
- Rudder, C. (2014). *Dataclysm: Who we are when we think no one's looking* (P. Azeredo, Trans.). Best Seller.
- Sánchez, F. L. (2009). *Homossexualidade e família: Novas estruturas* (C. H. L. Lima, Trad.). Artmed.
- Santos, B. R., & Costa-Júnior, F. M. (2021). *Terapia Afirmativa com pessoas da comunidade LGBTQIA+: Uma revisão de literatura* [Apresentação de pôster]. XVI Jornada Científica Faculdades Integradas de Bauru, SP, Brasil. <https://fibbauru.br/uploads/561/2022/2%C2%B0%20semestre/Psicologia.pdf>
- Silva, A. G. M. D. (2021). *Cuidado com mulheres lésbicas: A clínica como invenção narrativa* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. <http://www.bdt.uerj.br/handle/1/17072>
- Silva, D. C. d. (2021). *Dimensões psicológicas, clínicas e sociodemográficas associadas à saúde mental de transgêneros com disforia de gênero* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <http://hdl.handle.net/10183/230612>
- Silva, T. M. d. (2017). *Homossexualidade e homoafetividade em "Morangos Mofados"* [Monografia, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo]. <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/TatianiMenguini.pdf>
- Souza, F. A. S. d. (2009). *Recuperação da Informação da Web: Uma análise da ferramenta de busca Google Acadêmico* [Monografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/39713>
- Souza, J. O. M. L. d. (2018). *Terapias do "Armário": Clínica, ética e homofobia* [Monografia, Centro Universitário de Brasília]. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/2766>
- Souza, M. T. d., Silva, M. D. da, & Carvalho, R. d. (2010). Integrative review: What is it? How to do it? *Einstein*, 8(1), 102–106. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>
- Souza, P. R. d., M., Bastos, A. V., & Barbosa, D. R. (2011). Formação básica e profissional do psicólogo: Análise do desempenho dos estudantes no ENADE-2006. *Avaliação Psicológica*, 10(3), 295-312. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000300005&lng=pt&tlng=pt
- Ursi, E. S. (2006). Prevenção de lesões de pele no perioperatório: Revisão integrativa da literatura. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 14(1), 124-31. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22132/tde-18072005-095456/publico/URSI_ES.pdf
- World Report. (2022). Rights Trends in Qatar. (2022). *Qatar Events of 2021*. <https://www.hrw.org/world-report/2022/country-chapters/qatar>

Recebido: 11/12/2023
1ª revisão: 12/03/2024
Aceite final: 16/03/2024



O(s) autor(es), 20234 Acesso aberto. Este artigo está distribuído nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que você dê crédito apropriado ao(s) autor(es) original(ais) e à fonte, fornecer um link para a licença Creative Commons e indicar se as alterações foram feitas.